

ANGOLANA

ATUALIDADE

Número 1

Rio de Janeiro, agosto de 1987

Visita do ministro Van-Dúnem ultrapassa expectativas

O ministro de Estado angolano para a Esfera Produtiva, Pedro de Castro Van-Dúnem (Loy), disse à Angop, no Rio, que a sua visita ao Brasil, realizada de 27 de julho a 4 de agosto, "ultrapassou as expectativas". Ele afirmou ter encontrado da parte brasileira grande disposição para dar um "salto qualitativo" nas relações entre os dois países. Anteriormente, em Brasília, ele já tinha declarado, durante entrevista coletiva, que o Brasil poderá tornar-se rapidamente o primeiro parceiro comercial de Angola.

Van-Dúnem, que acumula suas funções de ministro de Estado (uma espécie de vice-primeiro-ministro) com as de ministro de Energia e Petróleos, confirmou a duplicação das vendas de petróleo angolano ao Brasil de 10 mil para 20 mil barris diários. Em troca, o governo brasileiro concordou em conceder uma linha de crédito no valor de 100 milhões de dólares (50 milhões imediatamente). Essa linha de crédito será destinada a saldar compromissos financeiros anteriores, pagar fornecimentos diversos e dinamizar vários projetos específicos angolano-brasileiros.

O ministro acrescentou que os empresários brasileiros estão desejosos de participar de numerosos projetos de desenvolvimento de Angola. Atualmente, os dois projetos de maior envergadura entre os dois países são os da barragem de Kapanda, no qual participa a construtora Norberto Odebrecht, e da recuperação e montagem de veículos, a cargo da Engesa.

Pedro Van-Dúnem esteve no Brasil ao final de uma viagem que já o tinha levado a diversos países europeus, ocidentais e socialistas, bem como à Argentina, para discutir o reescalonamento da dívida externa do país e buscar apoio para um programa de desenvolvimento econômico atualmente em estudo pelas autoridades angolanas. Durante a sua estada no Brasil, o ministro foi recebido pelo presidente José Sarney, a quem entregou uma mensagem pessoal do presidente angolano, José Eduardo dos Santos, e pelos ministros das Minas e Energia, Aureliano Chaves; Educação, Jorge Bornhausen; e Fazenda, Bresser Pereira, além do secretário geral do Itamaraty, Paulo Tarso Flexa de Lima.

Foto: EBN



Opresidente Sarney recebeu o ministro Van-Dúnem, juntamente com o embaixador de Angola no Brasil (E), Francisco Romão

EDITORIAL

As relações Brasil-Angola

As relações entre o Brasil e Angola perdem-se na nossa história comum. Estamos ligados, brasileiros e angolanos, pela mesma colonização. Esse passado é mais forte do que normalmente se imagina. José Honório Rodrigues escreveu, no seu *Brasil-Africa: outro horizonte*: "Os povos de Angola e do Brasil, sujeitos ao mesmo colonizador português, tinham a sua dominação mútua centralizada no Brasil, especialmente nos séculos XVII e XVIII, muito mais do que em Portugal." Os historiadores portugueses Oliveira Martins e Jaime Cortesão reconheceram que "Angola era, na verdade, uma dependência brasileira, isto é, uma dependência dos portugueses estabelecidos no Brasil".

A expansão holandesa no Atlântico uniu uma vez mais Angola e o Brasil, de onde os holandeses partiram para atacar Luanda, em 1641, a partir do Recife. Foi também do Brasil que, em 1648, Salvador Correia de Sá saiu para reconquistar Angola para os portugueses. Desde então, Angola passou a depender ainda mais do Brasil, de tal modo que provinham daqui os seus governadores e principais funcionários. Em 1796, Luanda era o terceiro porto de importação de gêneros do Rio de Janeiro, enquanto Benguela era o sexto.

Os angolanos foram os primeiros africanos trazidos para o Brasil, como escravos, a partir do século XVI. Muitos desses escravos de origem angolana rebelaram-se contra o poder colonial, como Zumbi dos Palmares. "Quilombo", nome dado aos centros de resistência formados pelos escravos, é uma palavra angolana. A determinação dos escravos fazia lembrar a heróica resistência dos povos angolanos, liderados pela célebre rainha Nzinga, aos ocupantes estrangeiros. Ainda hoje, Nzinga é homenageada no Brasil, nos festejos populares genericamente chamados "congadas". Os escravos trazidos de Angola criaram raízes e contribuíram também para a formação da nacionalidade brasileira. Mas houve também o inverso: durante o período da Inconfi-

dência Mineira, muitos conspiradores foram deportados para Angola.

Depois do início da fase moderna da luta de libertação de Angola, em 4 de fevereiro de 1961, os governos civis brasileiros apoiaram a luta conduzida pelo Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA). A partir de 1964, apesar da simpatia dos primeiros governos militares pelo regime salazarista, o povo brasileiro nunca deixou de manifestar o seu apoio ao MPLA, através do Movimento Afro-Brasileiro Pró-Libertação de Angola (Mabla). Com o governo Geisel, inicia-se a virada do Brasil no sentido de uma decidida aproximação com a África, cujo marco inicial foi o ágil reconhecimento da independência de Angola, proclamada pelo MPLA, em 11 de novembro de 1975.

Angola está presente no Brasil não apenas no sangue de numerosos segmentos da população do país, mas também na cultura — na música (no axofé, no jongo, no caxambu, no próprio samba), na tradição oral (já vimos o caso das homenagens à rainha Nzinga), na língua (numerosas palavras que hoje fazem parte do português do Brasil têm raiz angolana, como quitanda, quilombo, quitute, berimbau, cafuné, muamba e tantas outras). De igual modo, a cultura brasileira — sobretudo a literatura e a música — também influenciou os angolanos.

No plano comercial, Angola é o terceiro parceiro africano do Brasil, depois da Argélia e da Nigéria, enquanto o Brasil é o terceiro parceiro mundial de Angola, apenas superado pelos Estados Unidos e Portugal. A isto, acrescenta-se o cordial clima político existente entre os dois países, o que ficou bem patente, há dias, com a visita ao Brasil do ministro de Estado angolano para a Esfera Produtiva, Pedro de Castro Van-Dúnem (Loy). As viagens já previstas dos presidentes José Sarney a Angola, talvez ainda este ano, e José Eduardo dos Santos ao Brasil, em 1988, seguramente se constituirão em dois momentos culminantes das relações angolano-brasileiras.

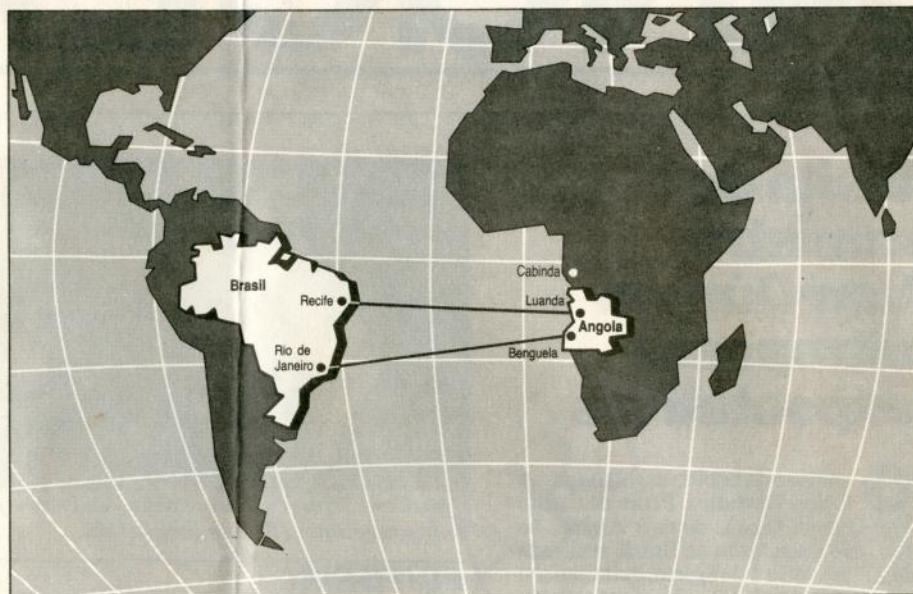
Em frente, do outro lado do Atlântico

A República Popular de Angola está situada na região ocidental da África Austral, entre as latitudes 4°22' e 18°02' S e as longitudes 11°41' e 24°05' E. O território ocupa uma superfície de 1.246.700 km², com uma fronteira marítima de 1.650 km e uma fronteira terrestre de 4.837 km. Faz fronteira, a norte, com a República Popular do Congo e a República do Zaire; a leste, com a República da Zâmbia e a República do Zaire; e a sul com a Namíbia. No sentido norte-sul o território tem um comprimento máximo de 1.277 km e, no sentido oeste-leste, uma largura máxima de 1.236 km.

População — Conforme um censo ajustado de 1970, a população de Angola totalizava, nesse ano, 5.711.136 habitantes, dos quais 48% eram do sexo feminino. Os resultados desse censo não são, contudo, seguros, uma vez que o não fornecimento de elementos por parte significativa da população e o não acesso às regiões controladas pelo MPLA, aliadas às carências de ordem material, à fraca preparação e reduzido número de agentes incumbidos das entrevistas aos recenseados conduziram a que a enumeração realizada naquela altura tenha sido subestimada e defeituosa. Hoje, segundo cálculos do governo, a população de Angola está em cerca de 8 milhões de habitantes. A densidade demográfica estimada é de 5,7 habitantes por quilómetro quadrado, o que no contexto africano se pode considerar entre as mais baixas.

A população do país é caracterizada por ser jovem, com 42% dos seus habitantes possuindo menos de 15 anos de idade e somente 4% tendo atingido mais de 60 anos, o que permite calcular a idade média da população em 18,6 anos. A taxa bruta de mortalidade estimada é da ordem dos 2,25 e a esperança de vida ronda os 41 anos. Calcula-se que nasçam atualmente 46 crianças em cada mil habitantes — o que está dentro dos parâmetros do continente africano.

Geologia — A estrutura geológica de Angola é caracterizada por três unida-



Com 1.246.700 km² e cerca de oito milhões de habitantes, Angola situa-se na costa africana do Atlântico, estando Luanda, a capital do país, na mesma latitude de Recife.

des principais: a orla litoral — zona estreita que acompanha a costa e que constitui 3% do conjunto da superfície territorial; o maciço antigo — abrangendo duas grandes formações pré-câmbrias, abarcando 38% da superfície territorial; e a formação de cobertura — que ocupa 59% do território e é constituída por formações de cretáceo continental e psamíticas e gresosas. Do ponto de vista geomorfológico, consideram-se seis grandes unidades: faixa do litoral, zona de transição para o interior, cadeia marginal de montanhas, planalto antigo, bacia do Zaire e bacia do Cunene e do Kubango. As bacias ocupam 60,8% do total do território, caracterizado por extensos planaltos do interior e pelo relevo do Talude Atlântico, disposto em escadarias em direção ao oceano.

Cerca de 65% do território situam-se a

uma altitude compreendida entre 1.000 e 1.600 metros, registrando-se na região central do país as maiores altitudes de Angola: Montes Moco (2.620 m) e Meco (2.583 m).

Hidrografia — Atendendo à configuração geográfica, situa-se na região pluvial do centro do país a origem dos rios mais importantes, correndo estes em três sentidos: leste-oeste, sul-sueste e norte. Consideram-se quatro grandes bacias hidrográficas: a de Kuanza (960 km), que corre para o norte em direção ao Atlântico; Cunene, navegável numa extensão de 200 km, servindo de fronteira sul com a Namíbia em parte da sua extensão; Kubango (975 km), correndo em direção à Namíbia; e a de Queve, dirigindo-se no sentido este-oeste.

ANGOP

AGÊNCIA ANGOLA PRESS

Diretor Geral:
Julio Guerra

Diretor de Informação:

Avelino Miguel

Diretor Técnico:

José Abreu de Oliveira

Sede Central

Rua Rei Katyavala, n.º120

Telefone: 334-593
Telex: 4160 ANGOP

AN — Luanda

República Popular de

Angola

Sucursais

Brasil

Diretor:

Anibal João Melo

Diretor Adjunto:

Felisberto Costa Filho

Endereço:

Rua Alvaro Alvim,

31/501, CEP 20031,

Centro, Rio de Janeiro

Telefone:

(021) 220-9439

Telex: (021) 32462

ANBL BR

Portugal (Lisboa)

Diretor:

Nazareth Van-Dunem

Telefone: 533-704

Telex: 42758 ANGOPP

Grã-Bretanha (Londres)

Diretor:

Elio Gamboa

Telefone: 493-1611

Telex: 295813 ANGOP G

Correspondentes:

António Santana

(Harare), Conceição

Luanda (Berlim), Filipe

Muakasso (Praga), José

Chimuco (Havana),

Vasco Correia (Moscou)

ANGOLANA

Editor: Anibal João Melo

Redação: Carlos Augusto de Oliveira Lima,

Felisberto Costa Filho e Hamilton Magalhães

Pesquisa: João Belizário

Diagramação: Fabio Dupin

Arte-Final: Fernando de Oliveira

Composição e Impressão:

Editora Lidador Ltda.

Angola propõe acordo de paz

Angola aceita retirar em maior número os contingentes de soldados cubanos estacionados a sul do paralelo 13, além de reduzir os prazos dessa operação, desde que as tropas sul-africanas abandonem as partes ocupadas e cessem as agressões contra o território angolano, o apoio da África do Sul e dos Estados Unidos à Unita seja suspenso e a Resolução 435 das Nações Unidas sobre a independência da Namíbia seja aplicada. Essa posição foi expressa ao governo norte-americano pelas autoridades angolanas, no dia 5 de agosto, na sequência das conversações entre os dois países, realizadas em Luanda, dias 14 e 15 de julho, e do encontro em Cuba entre os presidentes José Eduardo dos Santos e Fidel Castro, no fim do mês de julho.

A oferta faz parte de uma proposta de acordo global para a África Austral apresentada por Angola, com o objetivo de ultrapassar o atual impasse político-militar na região. Segundo o presidente angolano — que se referiu pela primeira vez a essa proposta em Lusaca (Zâmbia), em meados de julho, quando falava numa conferência econômica africana —, o acordo deveria ser assinado por representantes de Angola, África do Sul, Cuba e Swapo, sob a supervisão do Conselho de Segurança

das Nações Unidas ou dos seus cinco membros permanentes.

Contudo, as autoridades angolanas consideram que a presença cubana a norte do paralelo 13, “geograficamente fora do que se convencionou chamar África Austral”, é um assunto bilateral entre Angola e Cuba. Assinalam, também, que a retirada dessas tropas pode ser aceita como princí-

pio, “mas não pode ser nesta fase objeto de quaisquer negociações”. O paralelo 13, note-se, abrange uma linha que corta ao meio as províncias de Benguela (litoral sul), Huambo e Bié (centro-sul) e Moxico (sudeste). A manutenção de tropas cubanas ao norte dessa linha deve-se à falta de confiança de Angola nas autoridades de Pretória. Na sua passagem pelo Brasil, o ministro de Estado angolano para a Esfera Produtiva, Pedro de Castro Van-Dúnem (Loy), disse que a retirada total dos cubanos, neste momento, seria um suicídio, pois Angola não tem garantias de que a África do Sul não voltaria a agredi-la. Ele lembrou que, enquanto os sul-africanos estão próximo à fronteira, os cubanos estão a milhares de quilômetros de distância.

De qualquer forma, a nova proposta de Angola torna mais flexível a plataforma de entendimento apresentada pelo presidente José Eduardo em novembro de 1984. Essa plataforma previa a retirada cubana num prazo de três anos, desde que a África do Sul e os Estados Unidos aceitassem as mesmas condições agora apresentadas por Angola. Oficialmente, Washington e Pretória não responderam à proposta, mas deram a entender, na época, que achavam o prazo muito longo.

Foto ANGOP



Presidente José Eduardo dos Santos

Situação militar melhora

O governo angolano está ganhando a guerra contra a Unita, apesar do confesso e maciço apoio que os terroristas recebem do regime racista da África do Sul. As Forças Armadas Populares de Libertação de Angola (Fapla) tomaram agora a iniciativa estratégica da guerra e os grupos contra-revolucionários chefiados por Jonas Savimbi atravessam fase bastante crítica. Desde 1986, não tem havido ações significativas por parte da Unita. Em contrapartida, são cada vez mais numerosas as informações acerca de contradições internas na cúpula político-militar e de crescentes casos de deserção dentro dessa organização. Segundo o presidente José Eduardo dos Santos, as Fapla neutralizaram mais de metade dos efetivos da Unita, até o momento.

Em princípio de maio deste ano, José Eduardo dos Santos, numa visita à província de Benguela, litoral sul do país, declarou que a situação militar melhorou sensivelmente em várias regiões, principalmente na própria província de Benguela, assim como na Huíla, Kuanza Sul, Uíge e outras áreas. Não é a primeira vez, nos últimos tempos, que o chefe de Estado angolano se refere a essa melhoria da situação militar. No dia 14 de abril passado, discursando no encerramento do II Congresso da JMPLA-Juventude do Partido, a organização juvenil do país, ele declarou: “A tentativa de criar uma alternativa ao

poder legítimo em Angola falhou.” Dias depois, em mensagem à nação, a propósito do dia 1.º de Maio, voltou a mencionar as “grandes vitórias sobre os bandos armados da Unita”. Finalmente, na já referida visita a Benguela, José Eduardo dos Santos foi enfático: “A paz está próxima. Se nós continuarmos a nos empenhar como até agora, teremos resultados que nos poderão surpreender, nos próximos anos.”

Esforços — Segundo alguns observadores em Luanda, o exército angolano adotou, há pouco mais de um ano, uma estratégia que tem produzido bons resultados: em vez de procurar combater os grupos da Unita em todo o território do país, muito extenso e geograficamente acidentado, tem se preocupado fundamentalmente em controlar as principais rotas de abastecimento dessa organização, vindas da Namíbia. Também tem procurado dominar os pontos estratégicos mais importantes, para assim impedir a livre movimentação dos contra-revolucionários.

Ao lado dessa tática convencional, foram criados, nas áreas mais afetadas pela guerra, os chamados “batalhões de tropas territoriais” — camponeses armados que se encarregam da proteção das aldeias e da perseguição aos bandos da Unita, utilizando tática de guerrilha. Essa combinação de métodos convencionais e irregulares tem desorienta-

do a Unita. Um aspecto especialmente destacado pelos observadores é que esse esforço militar tem sido realizado exclusivamente pelos angolanos, sem qualquer participação das tropas cubanas (elas estão concentradas em determinadas linhas defensivas, prontas a entrar em ação se os sul-africanos se aproximarem dessas linhas).

A ação militar do governo angolano é acompanhada, cada vez mais sistematicamente, de medidas no campo político e social que visam neutralizar a frágil base de apoio, de raiz meramente tribal, da Unita. Destaca-se em particular a “política de clemência” adotada pelas autoridades angolanas desde 1978. Essa política tem possibilitado a reintegração social de milhares de antigos opositores do governo, incluindo importantes dirigentes e militantes de organizações contra-revolucionárias armadas, como a hoje extinta FNLA (Frente Nacional de Libertação de Angola) e a Unita.

Os esforços na frente diplomática também não têm sido esquecidos. Como disse o presidente José Eduardo dos Santos, uma das prioridades da diplomacia angolana é “continuar a neutralizar os apoios externos, abertos e encobertos, dos fantoches no exterior” (*fantoches* é a designação oficial usada em Angola para qualificar a Unita, por causa da sua comprovada dependência da África do Sul).

COOPERAÇÃO

França — A Caixa Central Francesa de Cooperação Econômica concedeu ao governo angolano créditos no valor de 85 milhões e 500 mil francos, para um projeto de produção alimentar na Huíla (54 milhões), para outro destinado à recuperação do centro de tratamento de água da cidade de Luanda (21,5 milhões) e para o projeto *Angosat*, que visa recuperar o sistema de telecomunicações que liga as 18 províncias do país (4 milhões). O organismo decidiu também colocar à disposição de Angola créditos para a recuperação de unidades industriais e fornecimento de peças sobressalentes e de pequenos equipamentos agrícolas, além de aquisição de bens de consumo.

Portugal — Angola vai exportar para Portugal 10 mil barris de petróleo por dia, em troca da concessão de uma linha de crédito de 140 milhões de dólares. O acordo foi assinado em Luanda, durante sessão da comissão mista entre os dois países. Os dois governos decidiram também criar empresas mistas para a produção de bens de exportação e realizar em conjunto diversos projetos de rápido retorno dos investimentos, como o da recuperação da barragem de Lomaum, na província de Benguela.

EUA — O Senado norte-americano rejeitou uma ação que visa à aplicação de sanções econômicas contra Angola. A ação tinha sido proposta pelo *lobby* pró-sul-africano e, se adotada, levaria ao fim da atividade das companhias petrolíferas americanas em Angola, assim como de outras relações comerciais.

POLÍTICA

Reformulação — O presidente José Eduardo dos Santos realizou em julho uma ligeira reformulação governamental: Fernando Faustino Muteka, anteriormente comissário (governador) da província do Namibe, substituiu Evaristo Domingos (Kimba) no Ministério da Agricultura; Manuel Bernardo de Souza, Armindo do Espírito Santo e Luis Neto Kiambata foram indicados embaixadores na Iugoslávia, Itália e Zâmbia; e, por fim, novos comissários foram nomeados para as províncias do Huambo (Marcolino Moco), Bié (Luis Paulino dos Santos) e Namibe (Domingos Mutaleno).

Herói — Um dos iniciadores da luta armada anticolonial em Angola, Paiva Domingos da Silva, vice-ministro da Defesa, faleceu no dia 9 de julho, vítima de doença. Proclamado, ainda em vida,

ECONOMIA

Petróleo — A companhia petrolífera italiana, AGIP, comprou à sua congênera norte-americana, Chevron, uma quota da produção na plataforma marítima angolana. A aquisição representa 10% dos 200 mil barris diários do jazigo *off-shore* de Cabinda, extremo norte de Angola, e o investimento foi superior a 200 milhões de dólares. A área petrolífera de Cabinda, que era explorada somente pela Chevron, subsidiária da Gulf, e a Sonangol (Sociedade Nacional de Combustíveis de Angola), é considerada a mais promissora de toda a África Ocidental. Com a entrada da AGIP, a Chevron

Foto ANGOP



Paiva Domingos da Silva

herói nacional, foi o primeiro a receber a Ordem Agostinho Neto, a mais alta distinção do país. Ele comandou, em 4 de fevereiro de 1961, um grupo de nacionalistas que atacou, a catanas (facções), as prisões de Luanda, onde estavam detidos mais de 50 militantes do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA). A data é considerada como o início da luta armada de libertação nacional no país.

passou a deter 39% das ações, enquanto a Sonangol mantém-se como a principal associada, com os seus 51%.

Dívida — O governo angolano aguarda uma resposta do Clube de Paris sobre o reescalamento da sua dívida externa. Segundo o ministro das Finanças, Augusto Teixeira de Matos, o país pretende alongar as datas do pagamento do serviço da dívida e resolver a questão das parcelas em atraso. O ministro visitou no mês passado os países membros da Comunidade Econômica Européia, assim como a Iugoslávia, a fim de tratar de questões financeiras.

GUERRA

Vitória — O exército angolano expulsou em fins de julho as tropas sul-africanas que, desde o mês anterior, cercavam a cidade de Ondjiva, capital da província do Cunene, no sul do país. O major João Donato, chefe do Estado Maior das Forças Armadas Populares de Libertação de Angola (Fapla) na região, disse que o objetivo de Pretória era instalar grupos terroristas da Unita e, ao mesmo tempo, criar uma zona tampão para defender a Namíbia. A África do Sul utilizou, no cerco, dois batalhões de infantaria e grande quantidade de equipamentos, além de ter recorrido a armas químicas, proibidas internacionalmente.

CULTURA

Mayombe — O teatro de Halle, na República Democrática Alemã, começou em julho os ensaios de uma peça teatral baseada no romance *Mayombe*, do escritor angolano Pepetela. O teatro, que este ano comemora cem anos, é um dos mais conhecidos do mundo e a obra a ser encenada é a mais famosa do autor. *Mayombe* aborda a luta da guerrilha em Angola de um ponto de vista humano e, em 1980, recebeu o Prêmio Nacional de Literatura, além de estar traduzida nas principais línguas do mundo. Há cinco anos, está em estudo um filme baseado no livro, numa co-produção de Angola, Brasil e Cuba, cujo roteiro, do brasileiro Orlando Senna, já está pronto.

ANGOLA, TERRA DA LIBERDADE



TAAG

LINHAS AÉREAS DE ANGOLA
A Serviço da Reconstrução Nacional

TAAG — Av. Presidente Vargas 542/1603
Telefones: 263-9711, 263-4988 e 263-4911
Telefones no Aeroporto Internacional: 398-3112 e 398-3113